

16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

ANÁLISE DE TABELA DE FOLGAS PARA CALÇAS DO SEGMENTO FEMININO

Ease allowance analysis on women pants construction

Rodrigues, Gabriela Lumi Yamashita; Especialista; Universidade Feevale,
gabilumi@gmail.com¹

Koch, Bárbara Gisele; Mestre; Universidade Feevale,
barbaragisele.koch@gmail.com²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo uma reflexão sobre as tabelas de folgas presentes em bibliografias utilizadas para aprendizados de modelagem de calças femininas. Para isso, analisamos a inserção da folga dentro do processo de desenvolvimento da modelagem, o conceito sobre folgas, e os tipos de folgas existentes. Para então, conseguir analisar as informações disponíveis nas tabelas de folgas para a construção da modelagem de uma calça.

Palavras chave: Estudo de folgas; Calça Feminina; Modelagem.

Abstract: This paper has as main topic reflect about ease allowance charts in women's pants presented in the bibliographies. For that, it was needed to understand where the ease allowance is placed between the pattern making process, as well the concept for ease allowance and its existing different types that are needed to build a block pattern more assertively. With that, we analyzed all the information available at the ease chart for the pants pattern construction.

Keywords: Ease allowance; Woman's pants; Pattern making.

INTRODUÇÃO

A modelagem plana tem como fundamento, independente do método a ser utilizado, a construção de uma base de modelagem feita a partir das dimensões tiradas de uma tabela de medidas adequada ao consumidor ou usuário. Essa base tem como objetivo representar graficamente a forma do corpo, sendo uma reprodução fiel a estrutura corpórea. (SOUZA, 2006)

Partindo deste molde base, é que se começa a criar as interpretações de modelos, sendo assim, necessário calcular a distância que a roupa ficará do corpo conforme a

¹ Especialista em Modelagem do Vestuário, Graduada em Moda e bolsista CAPES no mestrado em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale.

² Bárbara Gisele Koch: Mestre em Design, Especialista em Modelagem no Vestuário e Docência no Ensino Superior e Bacharel em Moda. Docente de moda na Universidade Feevale.



proposta do modelo a ser desenvolvido. Heinrich (2007, p.23) ainda complementa que ‘a quantidade de folga varia de acordo com o modelo, estilo da roupa, tipo de atividade, tecido e a constituição física do indivíduo ou público’

A partir disto, as pesquisadoras percebem que a utilização das tabelas de folga existentes na literatura sobre modelagem aborda o assunto superficialmente, não aprofundando o tópico no que tange à utilização de tecidos e suas especificidades, como gramatura, composição e elasticidade. Por consequência, acarretando na carência do modelista, especialmente o iniciante, em entender as medidas necessárias para conseguir confeccionar e/ou adaptar as modelagens conforme o modelo escolhido. E assim, fazendo com que a modelagem torne-se menos assertiva, podendo resultar em uma peça de roupa mais justa ou folgada do que o desejado, ou seja, ocasionando um retrabalho.

Com isso surgiu o questionamento que norteia esta pesquisa: teriam nas tabelas de folgas existentes na literatura, informações suficientes para a construção de calças femininas? O estudo tem como foco a modelagem de calças, para analisar como são as informações destinadas a essa categoria de produto, visto que em uma análise prévia feita pelas pesquisadoras, percebeu-se uma maior quantidade de informações para categorias destinadas a parte superior do vestuário.

Tendo isto em vista, este estudo tem como objetivo geral verificar e refletir sobre as informações contidas nas tabelas de folgas presentes em bibliografias utilizadas para aprendizados de modelagem, especificamente sobre calças femininas. Reconhecendo as divergências e convergências entre os autores encontrados, além da análise sobre as informações disponíveis em cada tabela encontrada, fazendo um comparativo entre as tabelas estudadas.

Para tal, propõem-se como objetivos específicos explicar sobre a folga dentro do processo de desenvolvimento da modelagem, assim como identificar as bibliografias existentes sobre folgas de modelagem, para conseguir conceituar e discernir os tipos de folgas utilizadas para conseguir interpretar a partir da modelagem básica no modelo escolhido.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia adotada para este trabalho baseou-se nas classificações feitas por Prodanov e Freitas (2013). Classificando essa

pesquisa como de natureza básica, com objetivos caracterizados como uma pesquisa exploratória, pois tem como intenção proporcionar mais informações sobre o assunto. Quanto aos procedimentos técnicos, qualifica-se como pesquisa bibliográfica, apresentando uma abordagem qualitativa, visto que analisou-se cada dado individualmente.

FOLGAS DE MODELAGEM

Para o processo de construção de um molde, é necessário que o modelista tenha habilidades técnicas para aplicar as noções de ergonomia e antropometria, além do conhecimento do corpo do público-alvo a quem se destina, buscando proporcionar conforto e usabilidade do produto. (SILVEIRA,2009) Com isso, Menezes e Spaine (2010), complementam que os principais fatores a serem considerados são as formas, medidas e os movimentos do corpo.

Burgo (2004), ressalta que para garantir que uma peça de vestuário tenha o conforto esperado, a folga é um elemento fundamental durante o processo de construção da modelagem. Uma vez que a existência das folgas de modelagem tem como objetivo tornar a roupa confortável, com o intuito de dar mobilidade ao usuário. (KOCH, 2017)

Conforme Heinrich (2007), o conceito de folga é a quantidade de medida acrescentada que vai além das medidas anatômicas do corpo, diferentemente da proposta dos moldes básicos, em que são feitos para seguirem a estrutura do corpo. Resumidamente, a folga pode ser considerada como sendo o espaço existente entre o corpo e a peça. (Souza, 2006). Ou seja, é a diferença entre a medida anatômica do corpo que veste e a medida final da peça de roupa pronta.

Sobre a quantidade de medidas a serem utilizadas para a execução das folgas na construção da modelagem, as mesmas são extremamente variáveis, podendo mudar de acordo com o que se deseja da peça de roupa. Além de que ‘(...) as noções devem ser adquiridas a partir da prática, realizando os devidos testes, a fim de comprovar a funcionalidade da aplicação da quantidade de folga para cada situação específica.’ (HEINRICH, 2007, p.89)

Koch (2017) mostra em sua pesquisa, uma entrevista com alguns modelistas atuantes. Nesta, a pesquisadora entrega a mesma ficha técnica para os entrevistados indicarem onde colocariam as folgas, além da quantidade de medidas em centímetros. Pode-se observar através dos resultados encontrados, que entre sete modelistas entrevistados, nenhum conjunto de medidas foi repetido. Demonstrando assim, que a interpretação é um dos grandes fatores para a escolha das medidas a serem utilizadas.

Complementando, Heinrich (2007) salienta que a quantidade de folga é definida pelo próprio modelista que analisa e interpreta cada molde isoladamente, visto que os valores a serem aplicados dependem inteiramente e especificamente do desenho e estilo proposto pela peça. Koch (2017), ainda adiciona que o modelista deve entender como a inclusão das folgas na modelagem se comportam na peça a ser desenvolvida.

A quantidade de folga das roupas pode mudar com as tendências de moda, pela função desta e pelo estilo, devendo adaptar-se ao tipo de tecido, ao tipo de atividade e à constituição física de quem vai usá-las. Dependendo das chamadas “tendências de moda”, os volumes e estilos das roupas mudam, podem ser mais justas ou mais amplas. Porém, uma quantidade limitada de folga é necessária para fazer a roupa confortável a quem usa e útil para o propósito. (SILVEIRA, 2017, p.89)

Com base no que foi descrito por Silveira (2017), assim como verificado entre os demais autores, percebeu-se que as folgas de modelagem dependem de alguns fatores, podendo ser divididos em alguns tipos, tais como estilo, movimento, grau de sobreposição que a peça vai ser vestida e matéria-prima. Porém, identificou-se que, dentre os autores analisados, aparecem divergências quanto às classificações apresentadas.

Para Heinrich (2007) e Silveira (2017), as folgas podem ser divididas entre folgas de movimento e folgas determinadas pelo desenho ou modelo. Diferentemente, para Osório (2011) as folgas podem ser classificadas conforme três características: folga de movimento, folga de estilo e folga de sobreposição.

Porém, Osório (2011) apresenta ao longo de seu trabalho também, a classificação de tipos de folga como sendo: linha de estilo da roupa, grau de sobreposição e espessura do material, referenciando também o autor Burgo (2004) em sua classificação. Já Burgo (2004), não apresenta a abordagem sobre folgas de movimento em seu livro, e também não indica as necessidades do mesmo.

A partir disso, percebe-se que é possível identificar quatro fatores importantes ao se pensar em folgas de modelagem. Com base nos autores apresentados, pode-se classificá-los como: folga de movimento, folga de estilo, folga de matéria-prima, e folga de sobreposição. Sendo esses pontos que, posteriormente, se utilizará para as análises das tabelas de folgas apresentadas.

1.Folga de movimento

Silveira (2017) aponta que o estudo da modelagem compreende a observação e entendimento das formas e funcionamentos do corpo humano, e como o mesmo executa seus movimentos. A partir disso, as folgas de movimento podem ser entendidas como medidas mínimas acrescentadas na medida do corpo anatômico, para que possa possibilitar que o corpo consiga se movimentar sem desconfortos. Como por exemplo, a ação de agachar, sem que a calça apresente restrições ao movimento no joelho. (HEINRICH, 2007; OSÓRIO, 2011)

Porém, Silveira (2017) salienta que ‘alguns modelos têm pouca ou nenhuma folga de movimento. Roupas íntimas, de nadar e de praticar esportes, feitas com tecido stretch, normalmente têm uma medida menor que a medida anatômica padrão.’ (SILVEIRA, 2017, p.90)

Com base nisso, ressalta-se que ao pensar-se em uma modelagem de calça, é necessário verificar quais os movimentos que a região da cintura-quadril-pernas, o usuário da peça, a quem se destina, irá realizar. Como por exemplo, para o movimento básico de sentar em uma cadeira, verificaria-se as medidas de circunferência da cintura - para ao sentar, o cós da calça não ficar apertando -, comprimento do gancho traseiro - para que não fique curto - e circunferência do joelho - para que não fique apertado, dificultando o movimento de dobrar a perna.

Assim, percebe-se que a folga de movimento é imprescindível para a construção de uma modelagem de vestuário, independente do tipo de peça a ser confeccionada. Pois, por menor que seja a atividade, a peça deve permitir a mobilidade ao usuário. Souza (2006) complementa que a peça ‘deve permitir que as ações de vestir e desvestir sejam realizadas sem esforço e que exista espaço suficiente na peça para possibilitar o fácil acesso (...)’. (SOUZA, 2006, p.53)

2. Folga de estilo

Para as folgas de estilo, Heinrich (2007) denomina como o acréscimo de medidas para criar uma silhueta específica. E ainda cita que as características dos tecidos e efeitos desejados a partir do modelo são importantes para determinação da quantidade de medidas necessárias para criar a silhueta escolhida. Osório (2011) complementa ao ressaltar que esta classificação é determinada também pela tendência de moda.

De acordo com a estrutura básica do corpo, a modelagem básica pode ser agrupada da seguinte forma: modelagem ajustada e modelagem ampla. No molde ajustado, o valor da folga é mínimo, servindo somente para permitir os movimentos das partes do corpo. (HEINRICH, 2007, p. 88)

Além disso, Heinrich (2007), classifica as silhuetas em cinco tipos: justa, ajustada, levemente ampla, ampla e muito ampla. Já Osório (2011) aponta que as silhuetas podem ser identificadas como anatômica, relaxada, ampla e comprimida. Burgo (2004) concorda que as silhuetas podem ser agrupadas, e para o autor, são divididas em quatro tipos. Estes tipos podem ser traduzidos como: simples, suave, ajustada e solta.

Dependendo do valor da folga desejada no modelo, a aparência do corpo passa da sua forma anatômica para uma forma aonde o contorno anatômico vai perdendo os seus ângulos, sendo mais despercebido. Os princípios de ajustamento, em relação a pences e contornos, têm sua estrutura modificada, pois não há mais necessidade de reproduzir a forma anatômica. (SILVEIRA, 2017, p. 90)

Com isso, a divisão de medidas de folgas com base no estilo da peça facilita ao modelista, a padronização do estilo e diferenciação entre os modelos. Além disso, estabelece a proporção entre as diferentes silhuetas propostas.

3. Folga de matéria-prima

Para Burgo (2004), a escolha do tipo de tecido deve ocorrer antes da elaboração do molde, visto que as características como espessura, toque e comportamento do tecido, são um conjunto de elementos para a determinação de medidas utilizadas na folga do molde. Além disso Menezes e Spaine (2010), complementam que:

A modelagem sofre diversas variações de acordo com o produto que será confeccionado, isso pode acontecer devido à variação de tipos diferenciados de tecidos que se vai trabalhar e que gera alterações na construção do molde. Esse processo é realizado por meio das folgas e encolhimentos que são necessários na elaboração de novos moldes. (MENEZES E SPAINE, 2010, p.86)

Porém, ao mesmo tempo que Burgo (2004) destaca a diferença que o tecido pode fazer na medida de folga utilizada, o autor também não aponta quais medidas utilizar, ou para qual características de tecido a sua tabela de folgas apresentada destina-se.

A modelagem deve ser sempre pensada e construída conforme as características e particularidades do material em que será desenvolvida a peça. Segundo Sabrá (2009), tecidos com elasticidades variadas, as medidas dos modelos em relação ao corpo do usuário são reduzidas em porcentagens igualmente variadas, que variam em torno de 10% a 25%, não recomendando a redução da porcentagem total do material, pois pode provocar na deformação do molde.

É o elemento que se refere à estrutura da construção do material. Materiais leves, não são considerados como elemento de folga. Entretanto, quando o material tende a ser mais espesso, deve ser considerado, pois tem uma relação com as medidas de circunferência interferindo no valor de folga a ser acrescido. Da mesma forma, materiais com diferentes percentuais de elasticidade deverão ser considerados. (OSÓRIO, 2011, p.7-8)

Com isso, é de suma importância o conhecimento do comportamento dos tecidos a serem utilizados, para saber como se adaptarão ao modelo desejado. E ressalta-se que não deve-se utilizar moldes de modelos projetados para tecidos planos em tecidos de malha ou com elasticidade não prevista na concepção, e vice-versa. (SILVEIRA, 2017)

4.Folga de sobreposição

Para Burgo (2004), e Osório (2011) a ordem que as roupas são colocadas sobre o corpo, é um importante fator na decisão da medida a ser utilizada para a folga no molde. Ambos os autores indicam as camadas que as roupas podem se sobrepor como “grau”.

Com isso, percebe-se que, de acordo com Osório (2011) e Burgo (2004), descreve-se como grau zero, as peças colocadas diretamente em contato com o corpo, como por exemplo roupas íntimas e de banho. Para o grau um, são consideradas as peças colocadas diretamente em cima da peça de grau zero, como por exemplo blusas, vestidos, saias e calças. Para o grau dois, peças colocadas diretamente em cima de peças de grau um, como por exemplo blazers, coletes e jaquetas. No grau três, conceitua-se as peças amplas, podendo ser considerada devido a espessura do tecido ou na colocação de forro, como as capas de chuva e casacos de sobretudo. Por fim, o grau quatro compreende as

peças com tecidos mais pesados e vestidos sobre peças dos demais graus, como os casacos de pele e roupas de neve.

Além das informações colocadas, Burgo (2004) acrescenta que em roupas com grau zero, geralmente utiliza-se um valor negativo como medida de folga para esses tipos de produto. Já Osório (2011), aponta que nas peças classificadas como grau um, deve-se adicionar somente as medidas para a folga de movimento.

Por fim, ambos os autores concordam que para roupas consideradas de grau quatro, as medidas de folgas devem ser aumentadas não somente pelo conforto, mas também considerando a espessura do tecido, que geralmente para esses tipos de peças são maiores, além de possíveis utilizações de enchimentos e forros. E Osório (2011), ressalta, que é importante lembrar que em peças com graus maiores, é necessário utilizar folgas maiores, visto que uma camada vai ser utilizada sobre a outra.

TABELA DE FOLGAS

A partir dos conceitos apresentados, foram identificadas algumas tabelas de folgas disponíveis em bibliografias sobre modelagens. Nelas, procurou-se analisar especificamente sobre a colocação de folgas durante a construção da modelagem de calças femininas.

Heinrich (2007) defende que a quantidade de medidas utilizadas para a folga da peça é alterável, alterando-se conforme necessidade. Em seu livro, a autora trabalha com medidas conforme apresentadas na tabela 1. Nesta, apresenta-se também uma subdivisão por silhueta, que segundo a autora, serve para ajudar o modelista a ter uma melhor precisão na escolha das medidas de folgas durante a confecção do molde.

Tabela 1 - Tabela de folgas de Heinrich

TABELA DE VALORES DE FOLGA PARA MODELAGEM FEMININA				
Silhueta	Região do Busto			Região do Quadril
	Camisas, blusas, coletes, vestidos	Jaquetas e casacos (com ou sem forro)	Casacos amplos (sobre-tudo)	
Justa	de -4 a 7cm	Não aplicável	Não aplicável	de -2 a 5cm
Ajustada	de 7 a 10cm	de 9,5 a 10,5cm	de 13 a 17cm	de 5 a 7,5cm
Levemente ampla	de 10,5 a 12,5 cm	de 11 a 14,5cm	de 17 a 20,5cm	de 7,5 a 10cm
Ampla	de 13 a 20,5cm	de 15 a 25cm	de 20,5 a 30cm	de 10 a 15cm
Muito ampla	mais de 20,5cm	mais de 25cm	mais de 30cm	mais de 15cm

Fonte: Heinrich, 2007.

Além disso, a autora indica que para manter o molde proporcional, sem muita distorção, deve-se aplicar 100% da medida na largura do quadril e 15% da medida no comprimento, partindo da linha do gancho. A autora ainda complementa:

As medidas das tabelas são referentes à circunferência total do corpo. Dividindo cada uma destas por quatro, temos o valor correspondente a ser aplicado em cada parte de molde (frente e costas). Lembrando que esta divisão somente será necessária para aplicação nas partes referentes ao aumento na largura do molde. Para os aumentos de comprimento, utiliza-se a aplicação do percentual extraído diretamente da medida da tabela. (HEINRICH, 2007, p.90)

Percebe-se que a autora apresenta somente a região do quadril como ponto de referência de adição das medidas de folga, o que para a modelagem de uma saia seria o suficiente. Porém, como a proposta deste trabalho é analisar tabelas para construção de calças, a tabela deixa a desejar, visto que como Heinrich (2007) classifica em seu livro as folgas como sendo de movimento e de estilo, sua tabela de folgas não apresenta o ponto do joelho, fator importante para os movimentos de caminhar e sentar.

Com isso, pode-se perceber inicialmente que a tabela indicada por Heinrich (2007) satisfaz em parte no quesito de folgas de estilo, visto que também não é possível identificar para que tipo de tecido é válida estas folgas. Além de deixar a desejar pontos importantes no quesito de folgas de movimento.

Tendo em vista a tabela apresentada por Heinrich (2007), Osório (2011) apresenta em seu trabalho uma tabela muito próxima, tendo como diferença o acréscimo do grau de sobreposição das peças em sua tabela. Porém, visto que seu trabalho é destinado ao vestuário dos membros superiores, a tabela apresentada não identifica o assunto aqui proposto (calças), para que seja feita uma análise sobre.

Já Burgo (2004) apresenta a sua tabela com foco na folga de sobreposição, seguindo o mesmo pensamento de Osório (2011), em que se trabalha por grau de distância que a roupa fica do corpo. É também, a tabela que mais aponta pontos corporais para o acréscimo de medidas de folga que os demais autores.

TABELA 2 - Tabela de folgas de Burgo.

EASE ALLOWANCE					
Degree of allowance	Degree 0	1° Degree	2° Degree	3° Degree	4° Degree
Bust circumference	from -8 to 0	from 0 to 8	from 6 to 12	from 10 to 16	from 10 to 18
Waist circumference	from -8 to 0	from 0 to 10	from 6 to 12	from 10 to 16	from 10 to 18
Hip circumference	from -8 to 0	from 0 to 8	from 6 to 12	from 6 to 16	from 6 to 16
Arm circumference	from -3 to 0	from 0 to 3	from 0 to 4	from 3 to 5	from 3 to 6
Back width	from -3 to 0	from 0 to 1,6	from 0 to 1,6	from 1,6 to 2	from 1,6 to 3
Shoulder width	from -3 to 0	from 0 to 1,6	from 0 to 1,6	from 1,6 to 2	from 1,6 to 3
Breast distance	from -1 to 0	from 0 to 1,5	from 0 to 2	from 1 to 3	from 1 to 4
Armhole depth	from -2 to 0	from 0 to 1,5	from 0 to 2	from 1 to 3	from 2 to 8
Neck size	from -1 to 0	from 0 to 0,5	from 0 to 0,5	from 0,5 to 1	from 0,5 to 2

Fonte: Burgo, 2004.

Porém, como pode-se observar na tabela 2, assim como Heinrich, ao analisar somente pensando em modelagem de calças, a tabela deixa a desejar em questões de auxiliar ao modelista a colocação de folgas, principalmente na folga de movimento. Tendo como principal ponto o joelho como articulação importante, assim como o tornozelo em casos de calças de modelo ajustado.

Além disso, pensando-se na construção da modelagem de uma calça, o grau da calça não sofre muitas variações sobre o corpo. Porém visto que para a construção de uma calça tipo skinny e uma calça pantalonada não utiliza-se das mesmas medidas de distância do corpo, a tabela não apresenta uma abordagem muito eficaz.

O quadro também não aponta para qual matéria-prima essas medidas são mais indicadas, tornando-se mais trabalhoso a aplicabilidade da mesma, principalmente com modelistas iniciantes que não possuem por completo o conhecimento das características dos tecidos.

Durante a pesquisa foi encontrado um vídeo elaborado pela autora Marlene Mukai, em que ela explana sobre folgas de modelagem e as diferentes medidas utilizadas em seus livros. Segundo Mukai (2019) o vídeo foi criado devido aos questionamentos frequentes acerca do assunto, surgindo então a proposta do vídeo para sanar as dúvidas sobre as medidas a serem utilizadas para cada modelo.

Com base no material, foi elaborado pelas pesquisadoras a tabela 3. Nela constam os modelos apresentados, as medidas de folgas, o tecido destinado (quando comentado), e caso feita alguma observação sobre a modelagem. No vídeo, comenta-se também que a medida dada de folga é utilizada tanto para o quadril quanto para a cintura, além de que as medidas são para um quarto do molde.

Tabela 3 - Tabela de folgas para calças de Mukai

MODELO	ALFAIATARIA	ALFAIATARIA AJUSTADA	SKINNY COM ELASTANO	JUSTA SEM ELASTANO	PANTALONA	FOLGADA	RETA
MEDIDA DE FOLGA	2cm	1,5cm	0,5cm	1cm	4cm	2,5cm	2cm
TECIDO			BENGALINE/ SARJA COM ELASTANO				
OBSERVAÇÕES					AJUSTAR A CINTURA COM PENCES PARA NÃO CAIR	AJUSTANDO A CINTURA NAS LATERAIS	

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019), com base no vídeo de Mukai (2019).

Apesar do vídeo reter mais informações acerca de calças para um melhor entendimento de como funcionam as folgas, visto que é separada por modelo e matéria-prima, percebe-se que ainda há uma carência de dados. Observa-se que em nenhum momento é comentado a necessidade de folgas nas articulações como joelho e tornozelo, mesmo quando o modelo de calça justa sem elastano é mencionado. Caso esse, teria que colocar uma folga no joelho para movimento, ou algum "rasgo" para dar mobilidade ao usuário. Além de, no caso da barra da calça ser ajustada, a necessidade da utilização de um aviamento para que seja possível passar a medida da circunferência do pé ao vestir.

Por sua vez, Sabrá (2014), diferentemente dos demais autores, apresenta uma tabela de folgas com medidas em milímetros. Além disso, classifica suas medidas por tipo de vestuário, separando-as em tipo de peças e classificando-as como: peças íntimas ou muito justas, peças que acompanham o corpo, ligeiramente folgadas e muito folgadas. Mas, assim como algumas das demais tabelas apresentadas, Sabrá (2014) não aponta pontos do corpo importantes para serem considerados para o desenvolvimento da calça, como o ponto do joelho. Além de não indicar para quais tipos de tecidos as medidas são melhores utilizadas ou se os tecidos devem conter elasticidade, ou não.

TABELA 4 - Tabela de folgas de Sabrá.

Classes de folgas	Busto	Quadril	Cintura	Tipo de vestuário	Exemplos
0	0	0	0	peças íntimas ou muito justas	lingerie, roupa de praia, shorts, saias e jeans bem justos
1	20	10	4		
2	40	20	8		
3	60	30	12	peças que acompanham o corpo	camisas, saias, calças, jaquetas, vestidos
4	80	40	16		
5	100	50	20		
6	120	60	24	peças ligeiramente folgadas	vestidos, jaquetas, camisetas, camisas
7	140	70	28		
8	160	80	32		
9	180	90		peças mais folgadas	casacos, jaquetas folgadas, calças
10	200	100			
11	220	110			
12	240	120		peças muito folgadas	casacões, jaquetas bem largas, calças bem largas
13	260	130			
14	280	140			

Fonte: Sabrá, 2014

Além disso, para as peças classificadas como mais folgadas e muito folgadas, não é indicado as medidas propostas para a cintura, como pode-se perceber na tabela 4. Demonstrando que possivelmente, apesar de mencionar as calças na coluna de exemplos, a tabela foi construída, tendo-se em vista a parte superior do vestuário, visto que para um casaco caracterizado como muito amplo, tem seu molde mais afastado do corpo.

Por fim, com todas as tabelas apresentadas em vista, construiu-se a tabela 5, que tem como objetivo demonstrar as diferenças de medidas utilizadas dentre os autores apresentados, para um mesmo estilo de calça. Para isso, escolheu-se o modelo da calça *skinny* com elastano, por ser o único modelo com indicação de tecido apresentado por Mukai (2019).

TABELA 5 - Comparação de medidas para construção de uma calça *skinny* com elastano.

CALÇA SKINNY				
AUTOR	HEINRICH	BURGO	MUKAI	SABRÁ
CLASSIFICAÇÃO	AJUSTADA	GRAU 1	SKINNY COM ELASTANO	PEÇAS QUE ACOMPANHAM O CORPO
CINTURA	5 - 7.5	0 - 10	4	1.2 - 2
QUADRIL	5 - 7.5	0 - 8	4	3 - 5
JOELHO	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Além de cada referência apresentar uma medida diferente para os mesmos pontos corporais, percebe-se que somente Burgo (2004) e Sabrá (2014) trabalham com medidas diferentes entre cintura e quadril. Fato que deve ser executado para entender se é um ponto positivo ou negativo. Pois, se aplicar a mesma folga da cintura conforme a do quadril, deve-se considerar como a calça irá se manter sobre a circunferência da cintura, sem ficar sobrando. Por outro lado, se as medidas de aumento de cintura e quadril forem diferentes podem acabar por causar uma deformação no molde, ocasionando em correções inexistentes anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o questionamento norteador desta pesquisa, de que se as tabelas de folgas existentes na literatura conteriam informações suficientes para a construção de calças femininas. Acredita-se que o questionamento foi respondido, porém não em sua totalidade. Visto que foi identificado que são necessários mais pontos corporais para a colocação de medidas de folgas em calças, como por exemplo as medidas de gancho. Porém, em sua parcialidade, pois seria necessário complementar este trabalho com a execução de tais medidas aqui apresentadas, para verificar na prática quais são fatores decisivos, dentre os apresentados, que afetam durante o processo de construção do molde.

Porém, com isso acredita-se que o objetivo geral deste trabalho de verificar as informações contidas nas tabelas de folgas presentes em bibliografias utilizadas para aprendizados de modelagem de calças femininas, foi alcançado. Visto que a partir da pesquisa foi possível perceber a discrepância entre as medidas disponíveis dentre as

referências apresentadas, dificultando o entendimento do modelista, que busca por essa referência.

A partir do levantamento realizado pela pesquisa, percebe-se que os próximos passos a serem realizados seriam a experimentação dessas medidas de folgas para verificação e análise de qual teria mais aplicabilidade. Além disso, montar uma proposta de tabela considerando os pontos corporais necessários para a construção de calça, como por exemplo a altura do gancho, circunferência da coxa, joelho, panturrilha e tornozelo, além das medidas de cintura e quadril já trabalhadas pela literatura.

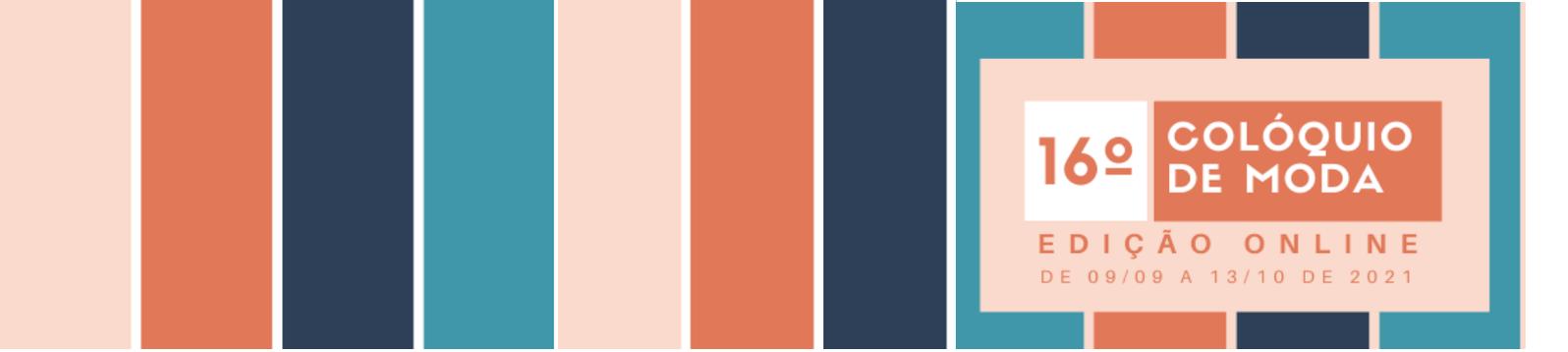
Além disso, pode-se perceber que para um melhor entendimento de um modelista iniciante seria mais claro a abordagem de tabelas separadas como categorias superiores (casacos, camisetas, vestidos) e categorias inferiores (calças, saias), deixando a leitura mais clara. Visto que a medida de folga para a circunferência de cintura e quadril entre essas duas categorias, apresentam comportamentos diferentes. Ou seja, se utilizarmos uma folga de sete centímetros em uma blusa, o impacto no molde e na vestibilidade é diferente do que se utilizarmos a mesma medida na cintura de uma calça.

Outro ponto importante salientar, é que Heinrich (2007, p.91) afirma que ‘(...) a modelagem do traçado básico masculino possui valores de folgas de movimento maiores do que as do traçado básico feminino.’ As pesquisadoras questionam o porquê dessa diferenciação de medidas de folgas de movimento, visto que ambos homens e mulheres performam os mesmos movimentos corporais, diferindo sim nas medidas e proporções anatômicas. Por isso, talvez trabalhar-se com a medida em percentual aplicado, seja mais eficaz do que um valor absoluto.

Por fim, é importante ressaltar que carência identificada no referencial bibliográfico apresentado faz com que o assunto seja de suma importância. Visto que através de um entendimento sobre folgas de modelagem, é possível melhorar a vestibilidade de uma peça de roupa.

REFERÊNCIAS

BURGO, Fernando. **Il Modellismo: Técnica del Modello sartoriale e industriale.** Milano. Edição italiana e inglesa. 4ª edição. Instituto di moda Burgo, 2004.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

HEINRICH, Daiane Pletsh. **Modelagem & técnicas de interpretação para confecção industrial.** 2ª Edição. Novo Hamburgo, Feevale, 2007.

KOCH, Bárbara Gisele. **Modelagem do vestuário:** Um estudo das tabelas de folgas brasileiras em blusas femininas. Porto Alegre. Dissertação. Universidade Ritter dos Reis. 2017.

OSÓRIO, Lígia. **Desenvolvimento de bases de modelagem.** 2011. 7º Colóquio de Moda. Disponível em: <http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/7-Coloquio-de-moda_2011/GT13/Comunicacao-oral/CO_89392DESENVOLVIMENTO_DE_BASES_DE_MODELAGEM.pdf>. Acesso em: 02 de outubro de 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, César de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5bb1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em: 23 de setembro de 2019.

MENEZES, Marizilda dos Santos. SPAINÉ, Patricia Aparecida de Almeida. **Modelagem Plana Industrial do Vestuário: diretrizes para a indústria do vestuário e o ensino-aprendizado.** Projética, Londrina, volume 1. 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134461/ISSN2236-2207-2010-01-01-82-100.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 26 de setembro de 2019.

MUKAI, Marlene. **A importância da folga de vestibilidade** - aula 149. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XnyxpdrL4FY>. Acesso em 08 de outubro de 2019.

SOUZA, Patrícia de Mello. **A modelagem tridimensional como implemento do processo de desenvolvimento do produto de moda.** Bauru, 2006. Dissertação (Mestrado em Desenho Industrial) - Universidade Estadual Paulista

SABRÁ, Flávio. **Modelagem:** tecnologia em produção do vestuário. 2ª edição. Rio de Janeiro: SENAI CETIQT; São Paulo: Estação das letras e cores, 2014.

SILVEIRA, Icléia. **Modelo de Gestão de Conhecimento** – Capacitação da Modelagem de Vestuário. Florianópolis: UDESC. 2017. (Série Teses de Moda).